

**CULTURA DIGITAL E ESCOLA: PESQUISA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES,
DA AUTORIA DE MÔNICA FANTIN E PIER CESARE RIVOLTELLA (ORGS.),
CAMPINAS, PAPIRUS, 2012, 366 p.**

**DIGITAL CULTURE AND SCHOOL: RESEARCH AND TRAINING OF
TEACHERS, THE AUTHORSHIP OF MÔNICA FANTIN AND PIER CESARE
RIVOLTELLA (ORGS.), CAMPINAS, PAPIRUS, 2012, 366 p.**

LIMA, Márcio Roberto de*

* Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), graduado em Engenharia Elétrica (UFSJ). Professor do Departamento de Ciências da Educação da (DECED/UFSJ). Áreas de interesse e atuação: Educação e Cibercultura, relações entre as tecnologias digitais da informação e comunicação e a formação docente, sua incorporação nas práticas pedagógicas e nas relações de ensino-aprendizagem.

O exercício de reflexão sobre a cultura contemporânea e os desafios interpostos à educação remetem às influências que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e os meios digitais exercem em nosso cotidiano. Experimentamos um *continuum* de reconfigurações nas práticas sociais, o que reflete diretamente nas formas de produção de conhecimento e relacionamento (inter)pessoais, revelando uma cultura onde os meios e as tecnologias digitais são inerentes ao viver. Nesse sentido, o campo educacional é incitado a repensar seu *modus operandi*, o que implica diretamente em novas concepções para a formação inicial e continuada de professores.

A obra aqui resenhada dedica-se à problematização da cultura contemporânea (digital) e TIC, partindo da relação entre mídia-educação (ME), pesquisa e formação docente. O livro consolida uma parceria entre pesquisadores brasileiros da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a *Università Cattolica del Sacro Cuore* de Milão (UCSC), tendo nascido das discussões do III Seminário de Pesquisa em Mídia-Educação realizado no ano de 2010 na UFSC.

Organizado por Monica Fantin (UFSC) e Pier Cesare Rivoltella (UCSC), “Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores” apresenta uma coletânea de artigos e reflexões de diversos autores. A diversidade na autoria não comprometeu a coesão da compilação final, fazendo-se coerente em conteúdo e forma com os objetivos propostos. É, portanto, uma referência para os processos e pesquisas que envolvem a temática da cultura digital, mídia, educação, tecnologias e formação de professores. O livro é estruturado em três partes inter-relacionadas: Parte I – Retrospectivas, tendências e inserção curricular; Parte II – Resultados de pesquisas; Parte III – Experiências e desafios.

Abrindo o primeiro capítulo, Pier Cesare Rivoltella (USCS) traça uma breve retrospectiva da ME no contexto educacional, indicando suas transformações conceituais, seus temas recorrentes e tendências. Para abordar o passado da ME, Rivoltella indica três perspectivas: a institucional – referendada por documentos oficiais (Unesco e Comunidade Européia) que nortearam as primeiras políticas públicas para ME; a social – que envolve e impacta o trabalho docente, a educação familiar e a cultura; a teórica – que expressa modelos conceituais da ME. Quanto aos temas recorrentes, o autor destaca a escola como espaço natural para o trabalho com ME, seus pressupostos de educar “para as”, “com”, “por intermédio das” mídias e, fundamentalmente, a superação da ideia de ME em seu aspecto instrumental, articulando-as com um conjunto de formas e trabalhos culturais. Como tendências da ME o pesquisador italiano evidencia os desdobramentos da ascensão

das mídias digitais, a necessidade de tratar de ME dentro e fora escola, bem como a de desenvolver métodos de análise visando as produções da cultura digital.

Marial Luiza Belloni (UFSC) é a autora do segundo capítulo, onde constrói um relato de sua experiência com ME salientando o valor da integração das TIC/mídias em todos os níveis escolares. Belloni considera a ME como direito dos educandos e, portanto, processo indispensável ao letramento e à formação cidadã. Em sua reconstrução histórica a autora destaca: a evolução e transformações da ME, abrangendo o acesso e estudo das mídias; a necessidade de desenvolvimento do espírito crítico frente às comunicações midiáticas; ME como possibilidade criativa, participativa e expressiva; e a importância de conhecer/desenvolver novos modos de aprender e ensinar com TIC. As inovações tecnológicas são encaradas pela autora como vetores de transformação pedagógica dos processos educativos das escolas e, também, dos cursos de formação (iniciais e continuados) de professores.

Fechando a primeira parte do livro, Monica Fantin (UFSC) trata da inserção da ME no currículo e na formação inicial de professores. A autora sinaliza como desafio à escola e à formação docente a estruturação de processos educativos que sejam sintônicos ao espírito da sociedade contemporânea, marcada por contínuas transformações e fortemente influenciada pelas TIC. Fantin defende a perspectiva da ME como uma prática cultural e apresenta resultados de sua pesquisa de 2010, que esclarecem que apesar dos professores fazerem uso das tecnologias no âmbito pessoal, dificilmente o fazem no exercício da profissão – evidência que foi confirmada na pesquisa TIC Educação 2011, organizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Comunicação e Informação (CETICⁱ). O capítulo ainda aborda a integração curricular da ME em diferentes países e a sua presença em cursos de pedagogia de algumas universidades brasileiras, considerando sua sistematização como condição de inclusão e de cidadania na cultura digital.

Monica Fantin (UFSC) e Pier Cesare Rivoltella (USCS) dividem a autoria do capítulo 4 – “Cultura digital e formação de professores: usos das mídias, práticas culturais e desafios educativos”. O artigo aborda resultados de uma pesquisa realizada em Florianópolis e Milão, que construiu o perfil de professores envolvidos com o uso/apropriação das tecnologias e mídias em âmbito pessoal e profissional, revelou suas representações das TIC e seus consumos midiáticos, além de sistematizar boas práticas com tecnologias e dificuldades encontradas no cotidiano profissional com tecnologias. O trabalho destaca também a necessidade de se (re)conceber os processos de formação

docente considerando as exigências da cultura digital e, nesse sentido, sintetiza algumas competências desejáveis aos professores no contexto contemporâneo.

Dando seguimento aos assuntos abordados no capítulo anterior, Alessandra Carezio (Università Cattolica de Piacenza) apresenta o artigo “Mídia e escola: representação dos professores e reflexão para uma nova formação em mídia-educação”. A pesquisa empreendida pela autora considerou as representações dos professores quanto às relações entre mídia, escola e profissão docente. Do ponto de vista metodológico, um interessante trabalho de reflexão-argumentação estimulado por chargesⁱⁱ instrumentalizou a coleta de dados junto ao grupo de docentes. Das discussões, a pesquisadora sistematizou “destaques formativos” abrangendo: a mediação do docente de conteúdos em suportes tecnológicos, a abordagem cultural das mídias digitais, a integração das tecnologias na didática e o valor educativo das mídias no cotidiano escolar. Outra contribuição do texto são sugestões elencadas pelo grupo de participantes que, em conjunto, indicaram elementos desejáveis em um eixo formativo com o viés da ME.

No capítulo 6, Tânia Maria Esperon Porto (Universidade Federal de Pelotas - UFPel) constata que “As tecnologias estão nas escolas” e questiona “E agora, o que fazer com elas?”. Fruto de uma pesquisa que envolveu 84 escolas (Pelotas/RS) onde foram realizadas entrevistas com professores, coordenadores e observações de sala de aula, o trabalho apresenta concepções e práticas docentes com TIC. A autora parte de uma retrospectiva pessoal acerca da apropriação das tecnologias, narrando um processo de (re)significações e aprendizados. O artigo evidencia que 94% dos sujeitos de pesquisa compreendem as TIC associadas ao seu contexto de utilização em âmbito pessoal ou profissional. Essa dicotomia mostra uma contradição com a perspectiva de uso das tecnologias como cultura, reforçando a necessidade de repensar práticas e modelos de formação.

O encerramento da segunda parte da obra ficou a cargo de Elisa Maria Quartiero (Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc), que apresenta uma pesquisa que envolveu 462 Núcleos de Tecnologia Educacional (NTEs) em 17 estados brasileiros. Em seu foco investigativo o trabalho analisou os processos de formação continuada de professores para o uso de TIC realizados nos NTEs. Quartiero faz um breve resgate histórico das políticas públicas envolvendo TIC em âmbito escolar, salientando também uma síntese de pesquisas que envolvem a formação docente para o uso dessas tecnologias. Com a sistematização de dados colhidos utilizando questionários e entrevistas, a autora compõe um perfil dos professores que atuam nos Núcleos revelando: a estrutura, a

organização e as linhas de formação dos Núcleos. A investigação traz colaborações importantes para o (re)planejamento dos NTEs, pois apresenta visões e sugestões de seus professores (multiplicadores) e coordenadores tendo como referência: o processo de formação dos multiplicadores, a formação dos professores nas escolas, a infraestrutura para o trabalho nos NTEs e reflexões sobre o exercício profissional do “multiplicador”.

Em “Jovens e mestres em rede” Maria Aparecida Mamed-Veves (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ) e Flavia Nizia Ribeiro (PUC-RJ) revelam as representações da internet de jovens recém-chegados à universidade e, também, de professores do ensino médio. As pesquisadoras fornecem indicativos que evidenciam pluralidade de concepções dos sujeitos colaboradores da pesquisa e associam-nas à transição cultural contemporânea (cultura digital). Entre os jovens pesquisados, a internet encontrou consenso como espaço privilegiado para a construção de conhecimento, lazer, entretenimento, ponto de encontro e comunicação. Para os professores, duas preocupações foram recorrentes: a falta de discernimento juvenil quanto ao conteúdo da rede e o plágio. Apesar de não constar na lista de referências do artigo, elementos da “Crítica da substituição” – fundamentada por Pierre Levy em sua obra *Cibercultura*ⁱⁱⁱ – permeia a discussão entre a coexistência entre o virtual e o “real”, revelando uma dinâmica de possíveis reconfigurações do espaço escolar e de suas práticas.

Ao tratar da relação software livre (SL) e formação de professores, Maria Helena Silveira Bonilla (Universidade Federal da Bahia – UFBA) faz críticas às políticas de implantação desses aplicativos nas escolas públicas e destaca a necessidade de um processo formativo que supere a dimensão técnica. Para tanto, a autora constrói um histórico das principais políticas públicas de inclusão digital no Brasil, conceitua e explicita os princípios, propriedades e potencialidades do SL e indica um caminho para uma formação docente compatível com a cultura digital. Bonilla argumenta, coerentemente, que a superação da dimensão técnica na formação envolve a compreensão do SL: como um movimento social que democratiza o acesso das pessoas ao conhecimento; como um modelo colaborativo de produção e socialização do conhecimento; e como uma opção filosófica que envolve valores como a liberdade, criatividade, cooperação e partilha do conhecimento (*ética hacker*). As críticas da autora às ações das políticas públicas de inclusão digital dizem respeito às limitações e contrassensos dos processos de integração do SL nas escolas, que contrariam a própria filosofia desse tipo de software. O artigo enfatiza ainda, a urgência da inclusão de

discussões sobre o papel das tecnologias na sociedade e de suas relações com a educação na formação inicial dos docentes.

Luiza M. Yamashita Deliberador (Faculdade Maringá e Universidade Estadual de Londrina – UEL) sintetiza três experiências bem sucedidas da articulação entre ME e comunicação comunitária na formação cidadã de crianças e jovens. O primeiro projeto foi realizado na Escola Municipal Olavo Soares Barros (Cambé-PR) e envolveu a produção de programas de rádio como linguagem de expressão e intervenção cidadã no cotidiano escolar. O Projeto Jovem Aprendiz (Maringá-PR) trabalhou o sentimento de pertença e a reflexão sobre a realidade de 60 jovens em capacitação profissional por intermédio de produção de vídeo documentário, *blog* e programas de rádio. O terceiro projeto ocorreu no Colégio Estadual Olavo Bilac (Sarandi-PR) onde foi estimulada a construção de um jornal escolar que envolveu acadêmicos, diretores e comunidade. As três ações empreendidas mostraram transformações positivas que extrapolaram a melhoria no rendimento acadêmico, possibilitando uma formação crítica e de intervenção no contexto de sua realização.

O último capítulo da obra é uma produção colaborativa entre dez autoras: Carolina Borges Souza Guntzel (Núcleo de Tecnologia Municipal de Florianópolis), Fernanda Lino (PUC/RJ), Izoete S. Santos (Escola Básica Municipal Maria Conceição Nunes – EBMCN), Lenice Cauduro (UFSC), Marlene Backes (EMCN), Maria Frebrônia S. Strazzer, Monica Fantin (UFSC), Rosane Maria Kreuch (Rede Municipal de Ensino de Florianópolis), Rosimar Jose (Escola Municipal Esvaldo Machado) e Suleica Kretzer (Núcleo de Tecnologia Municipal de Florianópolis). A diversidade da autoria se justifica pelo encontro de múltiplos olhares em três caminhos da formação docente: o ponto de vista de quem atua na escola; o ponto de vista do pesquisador e formador de professores; e o ponto de vista do profissional que atua na formação continuada. O artigo retoma aspectos abordados nos capítulos 3 e 4, problematiza questões relacionadas às competências do professor mídia-educador para uso das TIC e elenca fundamentos e desafios à ME no contexto da formação continuada. Dentro das propostas interventivas desenvolvidas pelas autoras, três projetos são destacados: “Uma experiência de trabalho com a produção de rádio na escola”, “Produzindo mídia e cidadania na escola”; e o “Projeto Monitoria”. Em seu escopo, “Práticas investigativas e formativas em mídia educação” é um reflexo da necessária articulação e parceria entre diferentes sujeitos que atuam em espaços de pesquisa e formação de professores.

A leitura de “Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores” evidencia que problematizar a cultura contemporânea é um exercício reflexivo em contínua (re)definição. Dessa forma, ao esboçar indicativos para a compreensão dessa cultura tecendo relações com a formação docente, o livro desperta a necessidade de acompanhar criticamente a evolução das funcionalidades das TIC e das mídias – passos fundamentais para a adequação do espaço escolar e de seus processos à contemporaneidade. Indiscutivelmente, as ressignificações impelidas por esse novo tempo são inerentes à própria ME, que também se reconfigura em conceitos, concepções teóricas e metodológicas.

Finalmente, cabe registrar que pensar a formação de professores no cenário contemporâneo sugere a revisão do papel das universidades e de suas licenciaturas. Para essas, emergem novas ordenações que desafiam suas consolidações como espaços de ensino, produção e socialização de saberes sensíveis às exigências da cultura digital. Negligenciar a cultura digital é negar o contexto da educação, insistindo em processos formativos e de ensino-aprendizado deficientes, ultrapassados e desconexos da realidade.

Notas:

ⁱ <http://www.cetic.br/educacao/2011/professores.htm>

ⁱⁱ <http://www.glasbergen.com>

ⁱⁱⁱ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.